



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ABDIAS RAMOS NETO SEGUNDO

**“ITINERÁRIO HISTÓRICO DA PARAÍBA” DE JOSÉ LEAL RAMOS: CAMINHOS
QUE NOS LEVAM A UMA LEITURA ACERCA DA HISTÓRIA DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

ABDIAS RAMOS NETO SEGUNDO

**“ITINERÁRIO HISTÓRICO DA PARAÍBA” DE JOSÉ LEAL RAMOS: CAMINHOS
QUE NOS LEVAM A UMA LEITURA ACERCA DA HISTÓRIA DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História da Paraíba

Orientador: Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N469i Neto Segundo, Abdias Ramos.
"Itinerário Histórico da Paraíba" de José Leal Ramos: caminhos que nos levam a uma leitura acerca da história da Paraíba [manuscrito] / Abdias Ramos Neto Segundo. - 2024.
28 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Grad. Gildivan Francisco das Neves, Departamento de História - CEDUC".

1. História da Paraíba. 2. Análise literária. 3. Paraíba. 4. Memória coletiva. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ABDIAS RAMOS NETO SEGUNDO

**“ITINERÁRIO HISTÓRICO DA PARAÍBA” DE JOSÉ LEAL RAMOS: CAMINHOS
QUE NOS LEVAM A UMA LEITURA ACERCA DA HISTÓRIA DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História da Paraíba

Aprovada em: 21/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Gildivan Francisco das Neves
Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josenildo Marques da Silva
Prof. Dr. Josenildo Marques da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cléofas Lima Alves de Freitas Junior
Prof. Dr. Cléofas Lima Alves de Freitas Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô (in memoriam), aquele que me ce-
deu seu nome, de onde estiver me olhando, es-
sa conquista é reflexo do seu legado, espero te
orgulhar.

DEDICO.

“A vida só é dura para quem é mole”.
Natanzinho Lima

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IHGP	Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba
IPGH	Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	ESCRITA DA HISTÓRIA: SUAS PROBLEMÁTICAS PARA O USO DAS FONTE NO ÂMBITO DA ESCRITA LOCAL.....	11
3	SOBRE A OBRA PESQUISADA: SITUANDO O AUTOR E SUA INTENCIONALIDADE.....	13
4	INTINERÁRIO: A VIAGEM AO LONGO DA HISTÓRIA DA PARAÍBA	17
5	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24

“ITINERÁRIO HISTÓRICO DA PARAÍBA” DE JOSÉ LEAL RAMOS: CAMINHOS QUE NOS LEVAM A UM LEITURA ACERCA DA HISTÓRIA DA PARAÍBA

“HISTORICAL ITINERARY OF PARAÍBA” BY JOSÉ LEAL RAMOS: PATHS THAT LEAD US TO A READING ABOUT THE HISTORY OF PARAÍBA

Abdias Ramos Neto Segundo¹

RESUMO

O presente artigo traz uma análise da obra "Itinerário Histórico da Paraíba" de José Leal Ramos, destacando sua importância como referência na pesquisa histórica do estado da Paraíba. O método utilizado para realização foi a pesquisa qualitativa, com análise documental e conteúdo das fontes históricas, como recortes de jornais e documentos, além de referências a outros historiadores, trazidos dentro da obra. Os resultados indicam que a obra de Leal contribui para um entendimento específico da história da Paraíba, com ênfase no conceito de memória coletiva abordadas por Le Goff (1990). Sua abordagem sintética dos eventos, com descrições cronológicas e uso de fontes diversas, oferece uma leitura que destaca episódios marcantes, na perspectiva do autor, como a ocupação colonial e movimentos sociopolíticos locais. A pesquisa reforça os desafios da historiografia paraibana, marcados por fragmentações nas fontes. Conclui-se que "Itinerário Histórico da Paraíba" representa um instrumento de preservação da memória e identidade paraibana, tornando-se relevante não apenas para o meio acadêmico, mas para o público em geral, com sua perspectiva única, que revigora o espírito de luta e pertencimento do povo da Paraíba construindo ao longo de sua história.

Palavras-Chave: História; itinerário; pesquisa; Paraíba.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the work "Itinerário Histórico da Paraíba" by José Leal Ramos, highlighting its importance as a reference in historical research on the state of Paraíba. The method used to carry it out was qualitative research, with documentary analysis and content of historical sources, such as newspaper clippings and documents, as well as references to other historians, brought within the work. The results indicate that Leal's work contributes to a specific understanding of the history of Paraíba, with an emphasis on the concept of collective memory addressed by Le Goff (1990). Its synthetic approach to events, with chronological descriptions and use of diverse sources, offers a reading that highlights notable episodes, from the author's perspective, such as the colonial occupation and local sociopolitical movements. The research reinforces the challenges of Paraíba historiography, marked by fragmentations in the sources. It is concluded that "Historical Itinerary of Paraíba" represents instrument for preserving the memory and identity of Paraíba, becoming relevant not only for the academic world, but for the general public, with its unique perspective, which reinvigorates the spirit of struggle and belonging of the people of Paraíba building throughout its history.

Keywords: History; itinerary; search; Paraíba.

¹ Aluno da graduação do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I.

Email: abdiaramosneto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história exerce um papel fundamental na construção da identidade tanto nacional quanto regional, preservando memórias coletivas, além de garantir que eventos e experiências sejam lembrados. Com base nisso, a figura de José Leal Ramos se destaca como um dos principais historiadores, além de ter trabalhos prestados no campo do jornalismo paraibano do fim da década de 1950. Seu trabalho foi substancial para o fortalecimento do conhecimento local, além de corroborar o trabalho com fontes, suas obras tornam-se um material comumente utilizado para a construção de pesquisas. Diante disso, o presente artigo buscará realizar uma análise em volta da obra de José Leal Ramos, intitulada “*Itinerário Histórico da Paraíba*”, considerando a sua importância quando se trata de História da Paraíba.

Diante dessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a obra *Itinerário Histórico da Paraíba*, de autoria de José Leal, com foco nas contribuições que apresenta para a pesquisa em História da Paraíba. Para tanto, para que seja possível alcançar o objetivo geral da pesquisa, os objetivos específicos são:

Investigar a influência de José Leal Ramos na história paraibana, verificando suas principais ideias e discutindo a relevância de sua obra para a compreensão da história e da sociedade da Paraíba; identificar os desafios envoltos da escrita de um trabalho a partir da interpretação das fontes e quais as contribuições que este tipo de escrita pode proporcionar nas futuras pesquisas; e analisar a obra de José Leal, observando as contribuições que ela traz para a discussão envolvendo a temática da história da Paraíba.

Sob essa ótica, a fonte de pesquisa para a construção desse trabalho é a obra “*Itinerário Histórico da Paraíba*”, livro que conta como se deu o processo de ocupação do Estado da Paraíba, do seu período colonial até o ano de 1953 (data que simboliza o fim do período de pesquisa para conclusão da obra). Nesse contexto, a obra busca enveredar em sua escrita os episódios apontados pelo autor como marcantes na história paraibana, tendo como base a descrição de acontecimentos de forma sintética, porém, que abrange toda a história do Estado. Assim, destacando ano após ano, José Leal constrói sua narrativa de maneira cronológica, afim de reviver o espírito de comunidade, sobre o qual discorreremos posteriormente, que foi construído ao longo dos anos no Estado da Paraíba e trabalhando os conceitos de memória e história em conjunto.

A partir disso, a necessidade em pesquisar sobre a história da Paraíba, nos põe a analisar o *Itinerário Histórico* de José Leal como uma fonte relevante para a construção da história local, uma vez que os materiais que relatam eventos do período da colonização do Estado são escassos. Sendo assim, a fonte dessa pesquisa não foi construída restritamente para o público acadêmico, sua construção visa apresentar também ao grande público que deseja entender os processos de formação do estado paraibano.

Ao analisar as fontes utilizadas por Leal e as escolhas metodológicas que ele realizou, busca-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos processos históricos que moldaram a Paraíba. Além da escassez e fragmentação de fontes nessa temática, a história da Paraíba, como a de muitos outros estados do Brasil, apresenta lacunas e fragmentações em seu acervo documental. Isso leva os historiadores a trabalharem com fontes diversas e muitas vezes dispersas, o que exige um esforço adicional de pesquisa e crítica.

Considerando os objetivos delimitados para o presente trabalho, dialogamos com os conceitos de memória e história local. No tocante ao conceito de memória, Jacques Le Goff, historiador do século XX, trouxe contribuições significativas para esse estudo, especialmente no contexto histórico e social. Suas obras destacam a importância da memória coletiva e como ela molda a identidade e a cultura de sociedades ao longo do tempo. Nessa perspectiva, compreende-se a memória como um fenômeno histórico específico e eixo de organização social partilhado pelas sociedades ocidentais modernas (PEDRAZANI, 2019).

Nesse contexto, Le Goff (1992) argumenta em sua obra *“História e memória”* que “A memória é a matriz da história. Sem memória, a história não existe” (Le Goff, 1992 p.51). Essa afirmação vai ao encontro da ideia de que a memória e a história estão entrelaçadas, onde a história é construída a partir das memórias coletivas e individuais, sendo José Leal importante ao abordar a discussão elencando memórias, o que pode corroborar para a continuidade das histórias no que se refere a Paraíba.

Ainda consoante ao pensamento de Le Goff (1990), a memória é fundamental para a construção da história, distinguindo os conceitos de memória individual e memória coletiva, destacando que a memória coletiva é uma construção social e cultural. Sob esse viés, a história, segundo Le Goff (1990, p. 425), “não é apenas um registro do passado, mas uma interpretação construída a partir das memórias compartilhadas de uma comunidade”.

Nesse sentido, ao dialogar com a obra *“Itinerário Histórico da Paraíba”*, considerando essa discussão de memória proposta por Le Goff (1990), é possível problematizar quais memórias foram selecionadas para integrar o itinerário e quais leituras para a história são construídas a partir desta.

Completando esse sentido, para Henry Rousso:

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de um fato, uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional. Portanto, toda memória é por definição, ‘coletiva’. (Rousso, 2016, p. 30)

Sendo assim, nessa reconstrução interferem questões de diversas ordens como políticas, sociais, culturais, econômicas, dentre outras. O campo da memória é um território de disputas, o que nos leva, por exemplo, a muitas vezes não dialogarmos com a história local por considerarmos que o nosso território não é detentor de memórias, historicidades e experiências.

No que se refere a História Local destacamos que está é uma área dos estudos históricos que trata de assuntos referentes a uma região específica, município, cidade ou distrito, caracterizada pela valorização dos particulares e das diversidades (BARROS, 2007). Nesse contexto, para Fonseca (2006) o meio no qual a sociedade vive carrega traços tanto do presente quanto do passado. Assim, utilizar-se da História Local é uma busca por evidenciar personagens que muitas vezes ficam implícitos na História Geral, dado que, geralmente, exclui-se as vozes locais ou subordinando-as e dando ênfase apenas aos grandes “heróis” (SILVA, 2020). Com base nisso, trabalhar com história local é uma busca por trazer à tona eventos do cotidiano como forma de novas perspectivas para compreensão da História.

Outrossim, para Barbosa (1999) a relevância da História Local e Regional reflete no fato de que enquanto a história geral destaca as semelhanças, mesclando as vivências dos locais, a história estruturada com base nas realidades individuais das localidades se concentra, principalmente, na diferença e multiplicidade. Nessa perspectiva, a história local não é meramente uma subdisciplina menor da história, mas sim uma área vital para a compreensão das complexidades e diversidades das experiências humanas.

Nesse viés, como exemplo dessa dimensão histórica, é possível trabalhar o contexto da obra *“Itinerário Histórico da Paraíba”*, de José Leal, visto que sua escrita se propõe a debater essa importância que a história local propicia. Ademais, tal ação também pode ser representada na obra *“Sobre História”*, de Eric J. Hobsbawm (1998), onde é relatado que a história local pode ajudar a preservar identidades e culturas específicas, isto é, “Em uma era de globalização, a história local desempenha um papel crucial na preservação das identidades culturais e na promoção de um senso de pertencimento entre as comunidades” (Hobsbawm, 1998, p. 134).

Metodologicamente, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual busca interpretar as especificações com base na subjetividade, levando em consideração o significado que as pessoas atribuem às suas experiências e interações. Logo, conforme Lakatos e Marconi (2017) essa abordagem permite que o pesquisador investigue aspectos complexos da realidade social, analisando panoramas como as interações humanas, os processos sociais e as construções culturais, por meio de métodos como entrevistas a grupos focais, observação participante e análise de conteúdo.

A partir da utilização de fonte documental, com foco voltado para problematizar a obra, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo para identificar as contribuições do livro no campo da História da Paraíba. Em consonância com os objetivos citados, o presente trabalho apresenta a partir da escrita de José Leal a importância e/ou relevância que sua produção propicia para o estudo e compressão de vários períodos destacados ao longo da obra, sobre o Estado da Paraíba desde a Tragedia de Tracunhaém até os dias atuais, isto é, dias atuais que, para o autor, consideram-se o fim da sua pesquisa, em 1953.

Construindo a partir da análise de fontes, o trabalho acerca de História Paraíba é algo importante para debruçar-se no conhecimento de suas raízes, pois, ao fazer uso desse tipo de metodologia, busca-se por valorizar a memória local, remetendo a necessidade em relatar obras tão suscintas e no tocante de suas contribuições para o estudo da História Local, entendendo os desafios na interpretação das fontes de pesquisa.

Autores como Gilberto Freyre e sua obra “Olinda, 2º. Reino do Brasil” (1951) (o destaque dessa obra é a relação entre Olinda e Paraíba e concepções culturais) e Horácio de Almeida, com “História da Paraíba” (1923) (considerada uma das mais importantes obras sobre a história do estado), trabalham esse conceito de história da Paraíba, mas, para realizar essa pesquisa será utilizando a obra “Itinerário Histórico da Paraíba” como fonte, pois, a partir dela é possível compreender como ocorreram os acontecimentos da formação da capitania até seu posto como Estado. José Lins do Rego, outro autor nesse quesito, chama atenção para a importância de trabalhar com história da Paraíba, afirmando: “a história de um povo é feita de pequenas histórias, de gestos e de palavras que se perdem no tempo, mas que, quando reunidas, formam um mosaico da alma de uma nação” (LINS DO REGO, 1931, p.120).

Em relação à pesquisa documental, Le Goff (1992) é um dos expoentes desse assunto quando relata que, “A pesquisa documental é essencial para a compreensão do passado, pois permite ao historiador acessar diretamente as evidências dos acontecimentos históricos” (Le Goff, 1992, p. 95). Tal acesso proporciona uma possibilidade de reconstruir memórias, muitas vezes, que ficaram a par da História Geral.

Diante disso, a pesquisa se deu em sua centralidade a partir da análise do livro “*Itinerário Histórico da Paraíba*”, pois, “os livros são as âncoras da memória, fornecendo aos historiadores as evidências documentais necessárias para reconstruir o passado” (Le Goff, 1992, p.22). Com discussões envolta da História da Paraíba, essa obra é construída a partir de visões do autor, e para destacar alguns dos episódios citados, o autor utiliza da visão de historiadores que trabalham com o conceito de História da Paraíba para fomentar a sua análise, tal qual: Irineu Pinto, José Américo de Almeida e Tavares Cavalcanti, a título de exemplo, e recortes escritos como cartas e jornais das mais distintas épocas, formando importantes fontes para a pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa documental surge como uma forma de enfatizar a análise crítica, além de ser uma ferramenta importante no detalhamento de documentos que podem ser utilizados para a reconstrução e interpretação do passado, sendo o cerne dessa pesquisa a análise dos documentos. Como Michel de Certeau (1988) observa, “A pesquisa documental não é apenas uma coleta de informações, mas uma reconstrução das práticas sociais e culturais de uma época.” (Certeau, 1988, p.72).

Tal viés vai em contramão a produções feitas, antes e pós a produção de José Leal, que optaram por detalhar ao máximo os episódios históricos, já outras trabalham apenas alguns fatos específicos, sendo a abordagem do Itinerário de José Leal uma tentativa de apresentar os acontecimentos de mais destaque de maneira sucinta dos acontecimentos.

Dessa forma, o presente artigo discute as problemáticas para a escrita da história, mais precisamente a história local, trazendo análise de outros autores quanto ao uso de suas fontes e como isso pode dificultar a construção da obra para o historiador, uma vez que, seu trabalho com fontes deve ser minucioso. Em consequente, trazer a visão e os objetivos do autor ao longo da escrita de sua obra, problematizando suas escolhas e detalhando como se deu a construção de sua obra, desde o número de página até as opções por seu método de escrita. E como ponto final, trabalhar o livro “Itinerário Histórico da Paraíba”, apresentado pontos ao longo da obra que exemplificam as escolhas do autor para construção da sua temática.

2. ESCRITA DA HISTÓRIA: SUAS PROBLEMÁTICAS PARA O USO DAS FONTE NO ÂMBITO DA ESCRITA LOCAL

No que diz respeito a escrita da História, é importante ser destacado os aspectos bases que alicerçam esse ponto, pois, neste campo de análise para realizar a escrita é necessário disponibilidade de suas fontes históricas e fazer uso adequado delas. Diante disso, para o historiador, as fontes são a parte primordial para sua escrita, sendo essa a sua matéria-prima, tal qual, a madeira é para o carpinteiro, as fontes são para o historiador. É seu papel estar bem munido de fontes, não só em quantidade, mas em qualidade, como atesta Marc Bloch (2001, p.65) ao afirmar “O estudo das fontes é, assim, uma base do trabalho do historiador”. De maneira contundente, é possível compreender, a partir da definição de Bloch, que papel essencial as fontes ocupam na prática da análise e, conseqüentemente, para a escrita da história.

Similarmente, é necessário salientar as dificuldades em volta da escrita da história, pois, para o historiador, as fontes precisam ser analisadas e problematizadas. Nessa lógica, para Foucault (2008, p.7), em sua teoria sobre o conhecimento e poder, “Os documentos não são simplesmente dados que se interpretam; eles são objetos que se produzem”. Logo, tal análise corrobora para evidenciar que as fontes não são neutras e, quando bem analisadas, são importantes objetivos de compreensão de fatos do passado, indo de encontro a visão tradicional que rotula os documentos como fontes neutras de informações, esperando apenas a descoberta e a interpretação.

Diante desse contexto, Capra e Sale (2020) discorrem a respeito dos desafios envoltos dessa perspectiva, onde reforçam a ideia de que a escrita da história não se limita apenas a descrição dos fatos, contudo, é de suma importância interpretá-los e, a partir disso, construir significados. Ademais, o historiador ao analisar suas fontes deve manter sua subjetividade acima de tudo para escolher suas fontes ao interpretar os dados e, conseqüentemente, para a construção de suas narrativas, processos esses que acabam sofrendo influências pelas visões de mundo e os valores do historiador.

Nessa perspectiva, Silva (2023) ressalta que a análise da história local possibilita compreender como os eventos históricos em grande escala influenciam as experiências individuais e coletivas de uma comunidade. Assim, José Leal se faz presente, visto que seu campo de escrita engloba justamente o âmbito da história local por ser parte presente de uma construção relevante no contexto da história, seja por suas fortes ligações com sua ancestralidade que acaba por se misturar com a História da Paraíba, seja pela terra de suas raízes, São João do Cariri - PB.

Diante desse sentido, na perspectiva de Horácio de Almeida (2009), é necessário que o historiador possua certa constância em suas decisões, dado que o historiador pode ser induzido por suas tendências. Assim, o autor afirma que:

Escrever a história local exige um equilíbrio cuidadoso entre o específico e o geral. O historiador local precisa resistir à tentação de subordinar os eventos locais às narrativas nacionais ou globais, preservando a singularidade das práticas e dinâmicas que ocorrem em nível local." (ALMEIDA, 2009, p. 110)

Outro ponto que corrobora para o estudo dessa linha de escrita se dá pela marginalização que a mesma recebe da história geral. Desse modo, tal qual a história local, tem-se a história da Paraíba que acaba por esbarrar nas mesmas problemáticas da história local, isto é, as duas acabam sendo negligenciadas pela história geral que enfatiza os grandes feitos e isola justamente essas duas perspectivas que variam de acordo com as escolhas teóricas e metodológicas de quem realiza o estudo/escrita.

Outrossim, a dificuldade em trabalhar a perspectiva de história da Paraíba encontra-se na escassez e na fragmentação das fontes, sendo esse um desafio comum nas pesquisas históricas pelo fato da Paraíba está presente numa região com menor centralidade histórica trabalhada pela história geral. No entanto, tal assertiva não condiz com a realidade, de modo que a obra de José Leal apresenta os indícios, selecionados de acordo com sua leitura sobre história da Paraíba, dos conceitos históricos que foram produzidos acerca da história do território Paraibano.

Em consequência, a dificuldade de se encontrar fontes estende-se para as fontes primárias. Nesse contexto, Ocione do Nascimento (2010) aponta a necessidade de uma pesquisa minuciosa em diversos arquivos e bibliotecas, além da análise de fontes secundárias e documentos dispersos. Já Horácio de Almeida (1950) vai além e traz um importante ponto ao afirmar que as fragmentações envoltas das fontes da história da Paraíba estão ligadas a falta de acessibilidade, muitas vezes espalhadas por diferentes instituições e até guardadas em acervos particulares, de modo a dificultar a construção de uma narrativa histórica coesa e abrangente.

Para Roland Barthes (1977), é necessário analisar suas fontes com cuidado, pois, “Escrever é uma prática social que envolve a construção de sentidos e a negociação de significados.” (BARTHES, 1977, p.85). Sendo assim, os conceitos tanto de história local quanto de história da Paraíba estão inclusos num contexto de silenciamento causados pela história geral e suas grandes narrativas históricas. Esse movimento ocorre por meio de uma subalternização manifestada com isolamentos expressados a partir das particularidades e especificidades de um determinado lugar (no campo de análise, a Paraíba). Desse modo, essa ação ocorre por meio da diminuição de seus eventos históricos afim de apagá-los em prol de uma visão mais abrangente e generalizante.

A história geral, pautada em grandes eventos e heróis, tende a trabalhar a partir da hierarquização, dado que as histórias nacionais ou globais são vistas como mais importantes e merecem maior destaque. Já no tocante ao conceito de história local, está fadado a um plano secundário. Esse papel deve-se a ausência das fontes ‘formais’ e ‘padronizadas’, o que dificulta a sistematização e a validação de suas análises dentro dos critérios acadêmicos, ou seja, tal ausência corrobora para esse silenciamento.

Assim, Certeau (1975) afirma que,

A produção historiográfica é, em grande medida, uma operação de controle sobre o tempo, uma maneira de neutralizar o poder disruptivo das memórias que não se encaixam na grande narrativa dos vencedores. Ela é uma forma de 'colonização' das múltiplas temporalidades que atravessam o passado. (CERTEAU, 1975, p. 78).

Diante dessas dificuldades, pode-se destacar os interesses políticos e ideológicos que as produções históricas estão fadadas a receber. Isso é algo inerentemente ligado a história, pois, a valorização que se recebe de determinadas análises historiográficas pode servir de propósito específicos, ou seja, para construção da identidade nacional, como foi o caso do traba-

lho de Von Martius e sua tese “História Geral do Brasil”, a qual foi o pontapé para a construção da identidade nacional brasileira ou até mesmo para a legitimação de poderes. Logo, para Michel de Certeau (1994, p. 150) “A história é, em última instância, a organização de um arquivo a serviço de uma leitura autorizada, uma apropriação das memórias em prol de um discurso que favorece o controle sobre o passado”. Assim, o mesmo vale para os silenciamentos que grandes trabalhos podem ter graças a esses interesses políticos e ideológicos.

Dessa maneira, ao analisar os trabalhos sobre a invenção das tradições de Hobsbawm (1983), é possível realizar uma ponte entre suas críticas e as questões de interesses políticos e ideológicos, uma vez que para ele a história é constantemente reescrita e reinterpretada para atender aos interesses do presente, sendo a história local, nesse viés, instrumento para legitimar projetos políticos e sociais.

Indo ao encontro ao viés de História da Paraíba, podemos encontrar problemáticas envolvidas do trabalho com essa linha de pesquisa. A ausência de fontes primárias é um dos pontos de partida quando se busca problemáticas nessa área, principalmente registros que retrata a época colonial.

Deste modo, Silva (1999) relata:

Na Paraíba, a documentação referente ao período colonial, sobretudo os arquivos eclesiais e administrativos, encontra-se dispersa, e muitas vezes inacessível ou deteriorada, o que impõe barreiras significativas à pesquisa histórica. (SILVA, 1999, p. 37).

Mas, há outras tendências que corroboram para a dificuldade em se conhecer/trabalhar nossa história, como destaca Ana Maria Cavalcanti (2006) em relação a ausência de uma identidade regional. Na Paraíba, oscila entre uma afirmação das narrativas locais e a subordinação que as influências nacionais acabam opondo diante dessas narrativas, com essa disputa refletindo diretamente em como a história paraibana é escrita e interpretada.

Cavalcanti corrobora ao dizer que:

A Paraíba, como muitos outros estados do Nordeste, vive um dilema identitário: afirmar sua singularidade regional ou integrar-se à narrativa maior da história nacional. Este dilema afeta a maneira como eventos locais são interpretados pelos historiadores. (CAVALCANTI, 2006, p. 53).

Desse modo, José Leal expõe, a partir de sua obra, uma visão distinta sobre a formação do estado da Paraíba, sua análise é construída a partir de trechos anuais que relatam com uma eloquência da própria época os acontecimentos da História do Estado. Fazendo uso de suas fontes, o autor faz uma mescla de seu conhecimento prévio dos acontecimentos narrados com recortes de outros autores que escrevem sobre o assunto, além do uso de cartas e recortes jornalísticos da época. Sua escrita privilegia um registro sucinto dos fatos, fugindo de uma escrita tradicional que prioriza as “grandes” histórias idealizadas a partir do foco em figuras de destaque, os heróis e as centralidades que esse tipo de narrativa propõe. É perceptível que sua opção adotada ultrapassa o olhar tratado pela história geral aos grandes nomes e seus feitos, sua escrita objetiva a destacar os acontecimentos como um todo.

3. SOBRE A OBRA PESQUISADA: SITUANDO O AUTOR E SUA INTENCIONALIDADE

De início, é importante destacar quem é o autor da obra para prosseguir no processo de compreensão do contexto da sua escrita. José Leal foi um historiador e jornalista, nascido em São João do Cariri, Paraíba, em 1891, na Fazenda Ponta da Serra. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP, além de ser considerado como historiador pelo

mesmo, possui o status de Patrono da Cadeira n° 19 dentro do Instituto, é figura presente no Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica – IPGH, como também um escritor que trabalhou dentro do âmbito da História Local, numa época em que era notório que para se escrever História, não era necessário possuir conhecimento científico ou acadêmico na profissão.

Doutor em História Social, Elio Flores, traz uma análise sobre esse ponto quando afirma que “a cultura histórica não está exclusivamente presa ao ofício do historiador” (Flores, 2007, p. 85) e é isso que José Leal, dito também como jornalista, em um período em que a profissão de jornalista não era regularizada (décadas de 20 e 30), faz ao longo de sua escrita histórica. Com obras no campo da História Local, suas contribuições dentro e fora do meio acadêmico tornaram-se fontes para a pesquisa dos próprios historiadores e utilizados por esses dentro do campo acadêmico.

No âmbito do Jornalismo, é conhecido como “*primus inter pares*”², seu primeiro passo, ainda como adolescente, deu-se na tradução de manuscritos em São João do Cariri – PB; sua cidade natal, e sua primeira publicação veio no ano de 1915, em Alagoa Grande, sendo uma crítica ao prefeito da cidade. Foi correspondente na cidade de Alagoa Nova dos jornais “A União”, da capital João Pessoa e “A Noite”, no Rio de Janeiro, em 1930, passou a atuar nos jornais “O Liberal” e o “Jornal do Norte”, sob a direção de Café Filho, 18° Presidente brasileiro. Em Alagoa Nova-PB, fundou o semanário “O Momento”. Após isso, foi chamado a capital da Paraíba, João Pessoa, para integrar a equipe do jornal “A União” como redator, anos mais tarde torna-se diretor. Ainda dirigiu o jornal “O Norte”, e junto do escritor Ascendino Leite, fundaram o quinzenário “Ilustração e Gazeta do Povo”.

Diante desses aspectos, é possível perceber que sua vida possui um entrelaço entre o jornalismo e a história, dois lugares onde José Leal goza de reconhecimento por suas contribuições escritas nesse campo de pesquisa. Com obras no âmbito jornalístico como “A imprensa na Paraíba (1941)” e “Este pedaço de Nordeste (1943)”, “A Família Costa Ramos” (1968) nos campos da história e heráldica, respectivamente, a obra que se destaca e é fruto desta análise é “Itinerário Histórico da Paraíba” (1967). Esse livro destaca-se por uma escrita que arrebatava, aproximadamente, quatrocentos anos da história da Paraíba, iniciando com o período da colonização portuguesa em solo paraibano até o fim do ano de 1953. Sua escrita é idealizada a partir de sínteses objetivas, não sendo divididos por capítulos e sim, de forma cronológica, separando os episódios de acordo com os anos de seus acontecimentos.

Ao analisar o livro “Itinerário Histórico da Paraíba” buscou-se identificar as principais narrativas presentes e as evidências utilizadas para sustentá-las. Nesse sentido, seguindo a perspectiva de Marc Bloch o qual afirma que “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (Bloch, 2001, p.64), considera-se não apenas o texto escrito, mas também as menções sobre outros expoentes dentro da obra e outros elementos de fontes presentes, tal como cartas, livros e recortes jornalísticos.

Com base nisso, é necessário situar seu escrito dentro da análise, ou seja, é importante destrinchar o título do cerne da pesquisa: “Itinerário Histórico da Paraíba. Isto é, o autor se propõe a escrever de maneira sintética sua obra, mas, quanto ao título, configurou-se como seu diferencial para compreensão da intencionalidade por trás de sua escrita, dada a definição plena em que a palavra Itinerário traz consigo. Suas definições variam dentre estradas, caminhos e viagem, seguindo sempre por esse viés de levar a algum lugar ou situar-se no espaço histórico. Portanto, do latim “*itinerarius*”, seu significado está relacionado com a mesma definição de viagem e de estrada, termos que vão ao encontro do ideal no qual José Leal objetiva transportar seus leitores a uma jornada, que o autor considera ser o centro para traçar a “ro-

² *Primus inter pares* é uma expressão latina que pode ser traduzida como “primeiro entre os iguais”. A frase indica que uma pessoa tem maior dignidade entre outros do mesmo nível ou ofício.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Primus_inter_pares

ta” dessa viagem que a obra se trata, ao longo dos acontecimentos que formam a História do Estado da Paraíba.

Diante disso, José Leal se propôs a escrever sobre a História da Paraíba de maneira distinta de outros trabalhos que existiam, seguindo uma escrita que arrebatava os acontecimentos históricos do Estado de maneira a compilar, em sua visão, os pontos mais relevantes. Nesse sentido, destaca-se ainda que sua escrita se apresenta uma forma menos analítica e conceitual quando comparada a outros trabalhos na área de Paraíba, como “História da Província da Parahyba”, de Maximiano Lopes Machado (1912), por exemplo.

Todavia, o presente estudo não é centrado nas comparações entre as obras referentes a Paraíba, isto é, busca-se problematizar as escolhas do autor José Leal, tal qual a metodologia em sua escrita e, tendo no centro da análise, a compreensão da escrita da História a partir das leituras de um jornalista no estudo da Paraíba, apresentando uma veia histórica muito forte.

Nessa ótica, no que se refere a construção da obra em análise, é importante destacar sua fala em objetivar a escrita quando estava a produzi-la:

Inspirou-se a preparação deste livro no propósito de dar aos leitores uma compilação completa da história da Paraíba, desde os dias da colonização aos tempos atuais, consignando, em períodos sintéticos, os episódios marcantes que contribuíram para a criação da comunidade da qual somos parte integrante.” (LEAL, 1965, p.3)

José Leal se põe a descrever uma história da Paraíba completa, uma história total, dentre ele, de inúmeros acontecimentos e que se fossem interpretados para além de uma história geral, um livro não era o suficiente para comportar, como o próprio autor destaca e é visto ao longo de sua leitura. Sua escolha assemelha-se ao conceito de memória coletiva estabelecido por Le Goff (1990), onde José Leal faz uma seleção de períodos em sua obra para contar e situar o leitor no trilho do seu itinerário.

Tais acontecimentos são elencados como marcantes para a construção desse itinerário, onde o autor percorrer ao longo dos acontecimentos históricos com o objetivo de despertar o sentimento de comunidade paraibana que “ia se forjando ao calor das lutas” (LEAL, 1965, p.13) e para isso, foi-se necessário reacender esse sentimento de pertencimento ao destacar essas memórias históricas.

Dessa forma, podemos analisar que as escolhas desses episódios foram elencados a partir da visão de José Leal, pois, a construção do seu itinerário, idealizado de maneira cronológica, é possível perceber uma escrita descritiva, onde em anos específicos sua construção assemelha a um jornal, como é o caso do ano de 1698. Seus relatos ao longo dos anos destacados trabalham aspectos da política, economia, aspectos naturais e sociais, etc. Acontecimentos do próprio dia-a-dia era outro ponto de discussão.

Assim é relatado o ano de 1698:

A Côrte portuguesa, sempre zelosa das coisas da religião, determinou que fossem guardados os dias santos, sendo passível de severas censuras todo aquê que transgredisse essa diretriz. Registrou-se neste ano, uma calamitosa cheia do Rio Paraíba, que devastou toda a área ribeirinha, causando prejuízos incomputáveis. (LEAL, 1965, p.64)

Seguindo por esse viés, Le Goff (1990) embasa a importância da memória associando-a história e como as duas caminham juntas. Ao analisar a obra, notoriamente, José Leal consegue reacender o conceito de Le Goff quando constrói sua obra a partir da seleção de memórias que marcaram o processo de construção da história da Paraíba. Ao seguir por esse caminho, José Leal faz uma seleção de períodos nos quais ele elenca como importantes de se man-

ter vivos na sociedade e além, sua concepção busca por completar outras obras no tocante a história da Paraíba.

Assim, José Leal atesta em seu Itinerário:

Por isso, recorremos ao expediente das transcrições dos conceitos de autores consagrados, ilustrando a nossa obra com a aplicação de verdadeiros remendos de estofos preciosos sobre a pobreza do tecido grosseiro. (LEAL, 1965, p.4)

Em diálogo com as reflexões de Rousso (2001), pensamos que a seleção de memórias na qual José Leal faz está ligada a uma reconstrução de um passado local que, de acordo com sua visão, é necessário ligar alguns remendos, que em sua perspectiva, outras obras não abordaram tais aspectos. As opções feitas pelo autor podem ter ligações diretas com aspectos psíquicos, tal qual Rousso cita, sendo o contato acontecimentos da Paraíba colonial por suas ligações familiares ou por suas raízes, vindo de uma cidade relevante no que diz respeito ao trato com assuntos históricos.

Ao adentrar na obra, podemos notar tais aspectos evidentes em sua escrita, que possui influências diretas do seu outro segmento, o jornalismo. José Leal, um dos expoentes do jornalismo paraibano e não à toa, na escrita do Itinerário Histórico, essa obra em específico recebe muito de suas colaborações. Assim como na História, o jornalismo necessita de um cunho de investigação e o autor possuía conhecimento nas duas faces, corroborando assim para construção de uma produção que não analisava os acontecimentos citados, mas, apresenta para seus leitores como ocorreram, utilizando-se de cartas da época, recortes jornalísticos, os próprios jornais, além de autores renomados no tocante da produção acerca da História da Paraíba.

Antes de tudo, entender essa obra vai além da leitura em si, é necessário, primeiramente, saber o que autor busca por perpassar em sua escrita que não está fazendo uma análise como tantas outras, sua observação no tocante de Paraíba é voltado para compilar os acontecimentos históricos nos quais são considerados destaque, sejam os homens relevantes a época, as causas dos grandes movimentos ou os aspectos que influenciaram a colônia até tornar-se Estado, assim como relatos voltados para acontecimentos do dia a dia da capitania que fogem desses “episódios” que a história geral busca por enfatizar.

Assim, José Leal relata: “Itinerário da História é, pois, uma compilação conscienciosa da história da Paraíba, escrito com a intenção de oferecer ao público uma síntese objetiva do nosso passado tanto remoto como recente”. (LEAL, 1965, p.4)

Sendo assim, não podemos requerer do autor uma análise criteriosa de fatos citados, até porque, o mesmo não se propôs a fazer esse trabalho como ele deixa explícito no livro, tal qual, sua opção segue uma forma peculiar de se analisar aspectos tão importantes. Podemos então, problematizar que contribuições a “síntese objetiva” proposta pelo autor pode proporcionar no âmbito da pesquisa no campo da história.

A obra é construída de forma cronológica, um meio que corrobora para a construção de forma sintética, com seu primeiro fato destacando o ano de 1574, com a tragédia de Tracunhaém, e finalizada no ano de 1953, com destaque para os acontecimentos na cidade de Campina Grande, com ênfase para eventos educacionais e a morte de Félix Araújo. Sua escolha, ao contrário do que se pode imaginar, cada conteúdo há possibilidade de ser lido de forma individual, pois, pode ser realizada sem que atrapalhe a leitura dos outros anos para compreender um momento específico sem que impossibilite o entendimento geral, auxiliando ao conhecimento prévio e instigando a pesquisa detalhada.

Em certos momentos, a obra assemelha-se a um jornal, onde os acontecimentos são como uma descrição, isso pode ser compreendido pelo fato da veia jornalística do autor. Com fortes traços jornalísticos, seu lado histórico não pode ser contrariado, afinal, o IHGP intitula

esse livro como importante para o desenvolvimento do conhecimento acerca da história paraibana. De maneira semelhante, a obra atendente aqueles que buscam conhecimento prévio e que instiga a investigação, além de ser um material sucinto para professores e historiadores que buscam aumentar seu conhecimento nessa área.

Seu ano de escrita se passa em meados da década de 50, um período marcado por obras no campo da historiografia brasileira, como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Sodré, são alguns dos nomes que produziram obras no campo da historiografia. José Leal parece beber da mesma fonte que surge na década de 1950, pois, sua obra é obrigatória quando se trata da história da Paraíba.

4. ITINERÁRIO: A VIAGEM AO LONGO DA HISTÓRIA DA PARAÍBA

A escrita que “Zé Leal” se propôs é compilar toda a história da Paraíba em períodos sintéticos que possam ser destacados, de acordo com sua intenção, com o objetivo de despertar o espírito de comunidade que, segundo o autor, floresceu ao longo da nossa colonização e no qual fazemos parte, do povo Paraibano. Essa opção desperta um diálogo entre história e memória, além de fugir do habitual quando se trata de História da Paraíba, visto que, outras obras optam por tratar os episódios de maior repercussão com maiores detalhes, como é o caso de Maximiano Machado – História da Província da Paraíba, na qual, José Leal apresenta em sua escrita ser um grande admirador e é muito referenciado dentro da sua produção. Em muitos aspectos, a construção do livro assemelha-se a uma produção jornalística, dada ao campo que o autor foi tão influente, descritivo e informativo em alguns anos, mas, isso não é algo que distancia a premissa do livro do seu trabalho histórico.

Nessa perspectiva, José Leal se insere como um dos pensadores de historiografia paraibana devido seu método que oferece ao leitor uma perspectiva de compreender os acontecimentos de maneira mais simples e coesa, mostrando como se deu alguns aspectos da formação, seja em relatos da política local, economia, funcionamento da capitania e da sociedade. Leal mostra todos os prismas da história a partir de relatos sintéticos, e para fatos de maior importância, de acordo com sua perspectiva de Paraíba, sua escrita se estende um pouco. Além disso, a construção da obra é auxiliada por referências a recortes que relatam alguns episódios, cartas (como as cartas Régias) e jornais da época, e, principalmente, autores importantes, a título de exemplo: Maximiano Machado, Celso Mariz, Tavares Cavalcanti, Irineu Pinto.

Diante disso, ao analisar esse itinerário é notório que sua forma de escrita cronológica onde cada relato é seguimento do outro não é necessariamente uma ordem, pois, cada ano possui sua “história particular”, sem que seja necessário pôr-as em ordem, sendo um conjunto de pequenas histórias que podem ser acompanhadas da forma que a curiosidade do leitor estigar, que ao juntá-las formam esse grande itinerário que viaja ao longo das histórias da Paraíba.

Sendo assim, o autor inicia sua escrita com o ano de 1574 destacando os ocorridos no Engenho de Tracunhaém, onde silvícolas (indígenas) atacam o engenho de Diogo Dias que tinha prendido duas virgens indígenas, uma delas era conhecida como Lábios de Mel, filha do cacique e que devia casar com Diogo, que ao invés de casar com a indígena e se manter na “tribo³”, fugiu para seu engenho. Consternados pela ação do mameluco, a tribo Potiguara busca resgatar às suas, uma delas era filha do cacique Iniguassu, que Diogo Dias raptara, parte para o engenho e lá origina o primeiro episódio para a história da Paraíba, o massacre de Tracunhaém.

³ Termo utilizado pelo autor ao longo da obra para se referir a grupos indígenas.

O autor traz as consequências dessa ação, que originaram a entrada dos portugueses em solo paraibano:

Essa tragédia causou profunda consternação em Pernambuco, tendo ainda dolorosas repercussões na metrópole lusa, determinando o Rei D. Sebastião que o Ouvidor Fernão Silva se transportasse à Paraíba, a fim de erguer uma fortaleza para servir de base às operações contra os silvícolas, que agiam na região, inspirados pelos traficantes franceses de Dieppe e Saint Malô interessados nos carregamentos de pau-brasil. (LEAL, 1965, p.6)

Diante dessa afirmação é possível notar que os movimentos portugueses em solo paraibano só foram viáveis por causa das ações dos silvícolas, que a partir do ataque aos engenhos o governo de Pernambuco entendia que essa região podia servir de cobertura para os interesses de Olinda e os vales subsequentes, tendo na figura de Frutuoso Barbosa o responsável para tentar essa conquista. Já a Coroa portuguesa exigia “somente que lhe fossem conferidas as honras de governador do território que ia desbravar, durante dez anos.” (LEAL, 1965, p.6)

Entre os anos de 1582 a 1585, o autor trabalha o processo de desbravamento do território paraibano, com a vinda de Frutuoso em 1582 a partir de um relato de Maximiano Machado. Nota-se que em 1583 não houve seleção de acontecimentos por parte do autor, com ele passando para 1584 e tratando das dificuldades dos portugueses em conseguir colonizar a região. Esse ano fica marcado por êxito em expedição à Paraíba, assim, José Leal traz um recorte da obra de Pereira Costa, “Anais Pernambucanos”, exemplificando como se deu essa expedição.

Pereira Costa (1954) afirma:

Essa expedição foi coroada de bom êxito e, construindo o forte, perto da barra, a que deu o nome de São Felipe e Santiago, e devidamente armado e guarnecido, ficando por seu comandante Frutuoso Barbosa e por alcaide o capitão espanhol Francisco Castejan, regressaram a Pernambuco vitoriosos os expedicionários, em dias de junho deste ano de 1584 sendo recebidos festivamente em Olinda. (COSTA, 1954, p.103)

Ao trazer essa citação de Pereira Costa, é um exemplo nítido sobre a construção da obra, pois, o autor introduz a leitura de outros autores sobre os acontecimentos da Paraíba como forma de complementar a construção dos anos destacados. O ano de 1584 é todo trabalhado em cima dessa expedição na tentativa de colonização, tal qual, após a leitura de Pereira Costa, vem a visão do autor em relação a ela onde é citado os desafios que os colonizadores iriam enfrentar a espera da construção dos fortes de São Felipe e Santiago.

No ano seguinte, trata-se do golpe final de Portugal a colonização paraibana, onde o autor, José Leal, relata:

Êste foi o ano decisivo para a implantação do domínio português sobre o território onde Tabajaras e Potiguaras exerciam o mando e cooperavam ativamente com os franceses, estacionados na Baía da Traição. (LEAL, 1965, p.10)

De acordo com o autor, nesse ano seu marco é a tentativa de Portugal estabelecer uma capitania na região, até então não explorada, com o objetivo de anexar mais um território produtivo aos seus domínios e combater os franceses que agiam ilegalmente na Baía da Traição no contrabando de Pau-Brasil. Para alcançar esse êxito previsto, foi-se necessário aproveitar os entraves que ocorriam com a população nativa, silvícolas Tabajaras e Potiguaras que passavam por rompimentos e que acabaram em guerra entre essas “tribos”.

Diante disso, a “tribo” Tabajara idealizava que sua única salvação podia residir de uma aliança com os portugueses, já os colonizadores ao saber dessa informação apressaram para marchar rumo a Paraíba, onde Martim Leitão objetivava a essas terras a fundação de uma cidade, que seria a metrópole paraibana dos nossos dias. A cidade recebeu o nome de Felipéia, em homenagem a Felipe I da Espanha e II de Portugal, tornando-se o marco histórico a incorporação da Paraíba ao mundo civilizado e representando o fator de êxito da colonização, na perspectiva do autor. Aos anos subsequentes, o autor busca analisar como se deu esse processo da criação da cidade de Felipéia e seu desenvolvimento, além de citar a dificuldade de documentos para alguns anos, 1588 e 1589, exemplificando assim, a visão de Horácio de Almeida (1950) em relação as fragmentações que as fontes históricas da Paraíba são submetidas, seja pela perda delas pelo tempo ou presas a acervos particulares dificultando o acesso para análise. Após isso, sua escrita descreve problemas referente aos franceses e Potiguaras, que dificultavam o processo de colonização.

No século seguinte, o período de destaque fica a cargo dos anos iniciais, pois, é destacado por ser um período de implementação, onde o autor, diferente do último século, posiciona-se mais acerca dos acontecimentos onde é detalhado mudanças de governo; nos anos de 1607-1612, 1616-1618, 1622, doações de terras; 1613-1614, 1621, e cobranças de impostos em 1623.

Portanto, destaca-se dois anos em específico que retratam bem esses anos, 1608 e 1621, para 1608 o autor relata ações governamentais:

Para um período de nove anos, foi nomeado Capitão-Mor da Capitania Francisco Coelho de Carvalho, filho de Feliciano Coelho de Carvalho, que governou a Paraíba no período de 1597 a 1600. O novo governador era portador da recomendação da Côrte para providenciar a mudança da Capital para as vizinhanças da foz do rio, o que não se realizou devido naquele local não haver água suficiente para o abastecimento da população. (LEAL, 1965, p.25)

Em 1621, é destacado as doações de terras:

Os registros das sesmarias dêsse ano consignam, pela primeira vez, doação de terras ao benemérito desbravador Duarte Gomes da Silveira, “na ribeira chamada Uma e porque ali tinha pouca terra para logradouro”. Entretanto, é de crer que Duarte Gomes da Silveira já era possuidor de outras terras, pois se estabelecera na região com os primeiros colonizadores e tinha participação ativamente das lutas travadas desde então. (LEAL, 1965, p.27)

Diante desses relatos destaca-se como o autor enviou sua visão acerca dos referidos anos, destacando como se deu o processo de seleção governamental para a nova Capitania, que precisava de um líder forte e de apressado da metrópole, e, como se dava o processo de doação das sesmarias e a quem pertenciam os territórios.

Para o século subsequente, cabe destacar o ano de 1755 descrito na obra de José Leal por ser importante para exemplificar sua escrita, ele descreve quatro fatos ocorridos nesta data, dentre eles a ordem do Conselho Ultramarino de anexar a capitania da Paraíba a de Pernambuco, que enfatizam sua percepção:

Um Alvará real, dêste ano, declara que não ficam “com infâmia alguma” os portugueses que casarem com mulheres indígenas.

* * *

Organizou-se em Lisboa a Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba, cuja influência maléfica tanto pesou sobre o desenvolvimento da Capitania.

* * *

Os fazendeiros sertanejos estavam expulsando os índios Panatis dos locais onde se fixaram, a fim de se apossar das suas terras. A Metrópole mandou providenciar contra êsse procedimento, garantindo a estabilidade dos silvícolas e procedendo contra os seus perseguidores.

* * *

Neste ano, em dezembro, o Conselho Ultramarino decidiu anexar o território da Paraíba à Capitania de Pernambuco, sem dúvida a medida mais odiosa e de mais profundas consequências para o futuro da região. (LEAL, 1965, p.94)

Nesses dois acontecimentos, nota-se como movimento de escrita da obra se precede, pois, por descrever os tais ocorridos num movimento de sintetizá-los, o autor trabalha contextos distintos, como é o caso de submissão da capitania Paraíba a Pernambuco e o casamento de portugueses com mulheres indígenas, em poucas linhas. Isso proporciona ao leitor entendimento prévio do assunto e instiga a pesquisa por detalhes, a busca por mais conteúdo. Esse movimento de citar os acontecimentos sem necessariamente aprofundar a discussão, é algo que se repete em outros anos dentro da obra. A premissa da obra não se limita apenas a relatos curtos, pois, o autor também trabalha a síntese a partir de discussões mais longas, ou seja, há períodos que ele relata com mais detalhes como ocorreu o acontecimento que foi apresentado.

O caso de 1798 exemplifica como o autor detalha acontecimentos com mais cautela, descrevendo além dos pequenos recortes anteriores, uma síntese objetiva acerca de como ocorreu o governo de Fernando Delgado Freire Castilho, como governador da capitania da Paraíba, após a quebra da submissão a Pernambuco. Fernando Delgado surge como sucessor do governador falecido, Capitão-Mor José de Melo e Castro e queda do Marquês de Pombal, a Côrte intitula Fernando para conduzir a capitania diante dessa situação, sendo ele, o responsável por reportar diretamente a Côrte, por meio de relatórios, os reflexos de subordinação que a capitania tinha enfrentado ao longo de mais de 40 anos.

A análise do autor sobre esse fato inicia-se no ano de 1797, explicando como se deu o processo de nomeação de Fernando Delgado e no ano seguinte, ele trata como se deu o governo de Fernando, apresentando suas motivações nestas terras, construindo toda sua análise acerca desse novo governando nos relatórios que o mesmo fazia para reportar diretamente a Côrte o andamento da capitania e seus motivos para manter-se independente dos domínios pernambucanos.

Assim José Leal relata sobre os relatórios do novo governador:

Os seus relatórios, ricos de observações, seguiam regularmente preconizando o desligamento completo da administração paraibana da pernambucana, apontando com fatos os inconvenientes dessa subordinação, que constituía um entrave ao desenvolvimento da Capitania e causava prejuízos sensíveis a Coroa, sem que as economias, porventura daí resultantes, compensassem os inconvenientes. (LEAL, 1965, p.106)

Diante disso, o autor descreve como se deu esse período de pós subordinação que a Capitania da Paraíba passou e os anos subsequentes, apresentando como esse novo “administrador que veio à Paraíba com a intenção de trabalhar pelo engrandecimento da região” (LEAL, 1965, p.106). José Leal constrói sua narrativa do ano de 1798 em cima dos relatórios produzidos por Fernando Castilho endereçados a Côrte, em especial, a Rainha D. Maria I, “a Louca”, a responsável por nomeá-lo a governador, onde o mesmo descreve este relatório como “o documento é longo, e não se tem notícia de relatório nenhum tão completo, tão criterioso e oportuno pela influência que exerceu no ânimo da Metrópole” (LEAL, 1965, p.108).

Ao analisar tais demonstrações do autor, pode-se denotar que sua escrita envereda os acontecimentos relativos ao ano, nesta amostra de 1798, percebe-se um processo de conexão, ao longo da escrita, para dar segmento aos efeitos que a subordinação a Pernambuco exerceu

ao governo da Paraíba mesmo após os desligamentos administrativos utilizando-se dos episódios dos anos 1797 e 1798 para estabelecer essa conexão. Com 1797 tratando do fim do período de subordinação administrativa a Pernambuco e 1798 relatando o processo de nomeação do novo governador, aliado ao processo administrativo que Fernando Castilho exerceu após o desligamento da Paraíba a Pernambuco.

Outro período interessante no qual José Leal comenta com mais detalhes um acontecimento importante em sua obra é dos anos de 1817 e 1818, onde relata o início das revoluções em solo pernambucano e que acabaram se instaurando na Paraíba, ocorrendo nas cidades de Itabaiana, Pilar, Vila Nova da Rainha, Sousa e Pombal, liderados por André Dias de Figueiredo e Manuel Cavalcânti.

Assim, José Leal relata:

Nos dias que se seguiram redobrou a vigilância das autoridades, mas a 11, em Itabaiana, grande massa de povo, sob o comando de André Dias de Figueiredo e de Manuel Cavalcânti, proclamou a de são a Revolução, marchando em seguida contra Pilar, no propósito de dali vir à Capital. (LEAL, 1965, p.106)

Ao adentrar na nova centúria, cabe destacar que nos anos iniciais desse período, de 1815 à 1824, ficaram marcados por momentos de penúria para a população, a Capitania estava em más condições e com problemas no comércio com sua agricultura em crise, além de inúmeras revoltas que mudaram a realidade paraibana, onde o autor destaca-se também os processos de urbanização que ocorriam dentro da Capitania.

A priori, o autor destaca como se deu esses processos revolucionários, visto que, a Paraíba passava por um momento inóspito e a ao iniciar o ano de 1817, as revoluções iniciaram:

As primeiras notícias da Revolução que eclodiu em Pernambuco, a 7 de março, chegaram à Paraíba no dia seguinte, tomando o govêrno local várias providências para evitar a sua propagação que aqui encontrasse eco e apoio dos elementos de maior prestígio nas diversas classes, notadamente entre os militares. (LEAL, 1965, p.106)

Diante disso, o movimento revolucionário que se ensaiava tomava forma e a adesão da cidade de Pilar a esse movimento, na visão do autor foi o auge, pois ao chegar em Pilar, o movimento recebeu apoio dos Padres Inácio Leopoldo e Antônio Pereira, levando o Ouvidor-Geral, que era chefe do Govêrno interino deixou seu posto e fugiu rumando ao Sertão. Além dos Padres, para os habitantes de Pilar a perspectiva era que a Revolução estava triunfando na Paraíba.

O autor endossa que as cláusulas que os revolucionários estipularam para assentar as condições de sua rendição não foram atendidas pelo governo, pois o Governo Provisório não concordava com as garantias consignadas pelos revolucionários ordenando a prisão de todos os chefes do movimento, tal atitude culminou uma terrível repressão e levou a execução dos patriotas que fizeram parte da revolução. Apesar de toda ferocidade em meio a essa repressão, o autor julga que “o sentimento de rebeldia não morrera” (LEAL, 1965, p. 122), o que se viu nos anos subsequentes foram problemas sociais e a tentativa de organização governamental, pois “reinava a confusão e a insatisfação no seio do povo, manifestando-se êsse estado de espírito a proposito de tudo (LEAL, 1965, p.123).

Isso manifestou-se em problemas diretamente com a coroa portuguesa, pois à época atual o governador Joaquim Rebelo Rosado era suspeito por “excessivo zêlo que vinha manifestando pelas prerrogativas do Rei, mostrando-se infenso ao movimento constitucionalista e mandando prender os seus partidários mais exaltados” (LEAL, 1965, p.124). Para José Leal, tais acontecimentos minaram a relação entre brasileiros e portugueses, e o que se viu em 1822 foi reflexo dessa relação.

O autor relata que:

Crescia a animosidade dos portugueses contra os brasileiros, a ponto de conspirarem contra a vida de várias pessoas, particularmente visadas pela reação, as quais deram queixa às autoridades, provocando medidas de segurança, constante de buscas nas casas suspeitas, com a apreensão de armas e prisões. (LEAL, 1965, p.125)

Esses problemas refletiram até o ano de 1824, onde os conflitos entre os revolucionários paraibanos queriam tirar do cargo de Presidente da Província, Felipe Nery Ferreira, que ficou marcado por colocar fim na escolha de governantes pelo povo, visto que, sua “eleição” partiu da coroa, sendo o golpe que findava de vez a relação dos portugueses com os paraibanos no ano de 1823, sendo esse, um dos anos com maior número de relatos dentro da escrita de José Leal. Além desses acontecimentos, o autor ressalta o desenvolvimento que se deu nos anos subsequentes para o jornalismo paraibano, com o aparecimento da imprensa periódica na Paraíba, no ano de 1828.

Assim destaca o autor:

Êste ano assinalou o aparecimento da imprensa periódica na Paraíba, com a circulação do seu primeiro jornal, - <<Gazeta do Govêrno da Paraíba do Norte>> - saído da Tipografia Nacional da Paraíba, da qual era impressor o inglês Walter S. Bordman. Aparecia aos sábados e custava oitenta réis o exemplar. (LEAL, 1965, p.134)

Como parte final, destaca como se deu a abordagem do último século presente no recorte temporal da obra, deixa em evidência a continuidade ao desenvolvimento jornalístico que ocorria e como ponto de destaque para esse período resume-se as mudanças políticas que o Estado passou. Diante dos problemas evidenciados pelo autor, relacionados a seca que afligia a Paraíba, tais problemas foram responsáveis por diminuir a produção econômica do Estado.

Mediante a esses problemas, o Estado conseguia se desenvolver o que mostra o ano de 1907, com acontecimentos que especificam o andamento do Estado àquela altura:

Iniciou-se a publicação da “Revista do Fôro”, sob a supervisão do Tribunal de Justiça. Essa publicação especializada firmou-se no conceito dos círculos jurídicos do país.

* * *

A varíola ainda fêz neste ano somente na Capital 567 vítimas, das quais 147 eram internadas em isolamento de Cruz de Peixe.

* * *

A construção do ramal ferroviário ligando Itabaiana a Campina Grande ficou concluída, e a inauguração do tráfego representou importante contribuição para o progresso desta região. Teve, de futuro, enorme consequência, acarretando a decadência de Alagoa Grande, que perdeu a posição privilegiada de cidade situada na ponta dos trilhos, mas foi o acontecimento decisivo para o desenvolvimento daquela cidade. (LEAL, 1965, p.220, 221)

O relato que o autor se propõe a fazer acerca dos próximos anos enquadra-se no desenvolvimento do jornal dentro da Paraíba e a progressão que o estado marchava. De 1908 a 1925, dos dezessete anos que separam, em doze o autor destaca o desenvolvimento de jornais dentro dos municípios paraibanos. Outro fator destacado pelo autor é o processo desenvolvimentista que o Estado entrou, desde a implantação de energia elétrica em cidades, transportes urbanos, construção do primeiro porto na Capital.

Leal traz um recorte da obra de Celso Mariz sobre o governo de Castro Pinto acerca dessa marcha desenvolvimentista que exemplifica como se deu esse processo no ano de 1913, para Mariz:

O trecho de govêrno exercido por Castro Pinto dera versã de um grande capítulo noutr plano de obra. Suas providências a respeito do ensino público, arrecadação de rendas, policiamento, justiça, energia quase arbitrária com que atacou o cangaceirismo no sertão, varejando focos nunca antes varejados, quebrando, neste particular, o escrúpulo ou temor das administrações sôbre a prepotência dos chefes acoitadores; a decisão com que arredou diversos magistrados de chefias partidárias; doutrinação política de sua imprensa bem intelectualizada; tudo foi um ensaio nôvo de republicanismo que chocou em tôda Paraíba a rotina dos interêsses municipais. (MARIZ, 1956, p.143)

O que se encontra nos anos posteriores descrevidos por José Leal é justamente essa produção sobre os aspectos desenvolvimentistas, avanços nos jornais e mudanças políticas. O autor destaca os episódios políticos que incendiaram o Estado nos anos de 1929 a 1933, com disputas a presidência do país, a morte de João Pessoa e ascensão de Antenor Navarro a governança do Estado, na qualidade de Interventor Federal.

A esse último, destaca-se:

Ninguém traçaria melhor o quadro de ensino nesta fase da nossa História, do que um dos colaboradores do govêrno naquele setor dos serviços públicos. Antenor Navarro criou de uma só vez 103 escolas. As matrículas atingiram a cifra de 36.678 alunos. (LEAL, 1965, p.242)

Diante dessas contribuições, na perspectiva do autor destacam-se passagens importantes sobre o processo de construção da história da Paraíba, utilizando de sínteses que privilegiaram o conhecimento e realizam pontes entre suas ideias com pensamentos de outros historiadores. Seu trabalho nos traz uma perspectiva diferente acerca da Paraíba, sob a ótica de pequenos relatos que, isolados retratam acontecimentos, e juntos compõe a sua história da Paraíba.

5. CONCLUSÃO

A narrativa de José Leal possibilitou o entendimento acerca do processo de construção da história do Estado da Paraíba ao longo do seu “itinerário”. Ao analisarmos a sua escrita, é possível identificar que caminho o autor quis levar os seus leitores a partir do contexto de itinerário, sendo capaz concluir de que a construção idealizada por meio de sintetizar os principais acontecimentos, julgados pelo autor, possibilitam um entendimento prévio sobre esses relatos trazidos ao longo da sua obra.

Sua discussão perpassa pela tragédia de Tracunhaém, adentra no domínio Holandês, discute como se deu os processos políticos e econômicos da Paraíba, elenca personagens que, de alguma forma, foram destaque para o Estado. Além de sua escrita, o trabalho com a análise das fontes é um ponto importante dentro da sua obra, visto que, o trabalho com análise de fontes é uma das dificuldades dentro do campo da história, e, no campo da história da Paraíba onde muitas dessas fontes se perderam em meio as invasões de territórios e revoluções. De todo modo, observa-se diante dos acontecimentos trazidos ao longo da obra a opção por sintetizar e construir os acontecimentos por meio de outras obras, proporcionam a produção de uma história completa da Paraíba, enviesando os principais fatos destacados, além de trazer outros pequenos acontecimentos que corroboram para o entendimento do porque tais acontecimentos foram possíveis.

Espera-se no tocante desse estudo que contribua para o reconhecimento da obra, no âmbito geral, pois ela se enquadra numa fonte rica para futuras pesquisas dentro do campo de história da Paraíba, sendo um material importante para estudantes e acadêmicos. Sugere-se uma maior utilização da obra de José Leal, problematizando ainda mais suas escolhas e adentrado em alguns dos episódios citados que ficam a margem de algumas análises na área. Ademais, recomenda-se ainda uma investigação maior em relação as contribuições que essa

obra proporciona para outros estudos no contexto de formação do estado da Paraíba, visto que, o presente trabalho evidencia outros pontos.

Diante de tudo que foi encontrado na obra e destacado no presente trabalho, o intuito de José Leal de apresentar ao grande público “a sua Paraíba”, o espírito de luta que o povo paraibano possui, na tentativa de trazer à tona para as gerações atuais o quanto seu povo lutou bravamente por sua terra. A obra é um caminho traçado ao longo dos grandes episódios históricos para reviver esse espírito paraibano e José Leal Ramos, seu autor, é o guia dessa grande viagem.

REFERÊNCIAS

(CAVALCANTI, Ana Maria. *Identidade e Memória na Paraíba*. João Pessoa: A União, 2006, p. 53).

(SILVA, João José da. *História da Paraíba: Fontes e Arquivos*. João Pessoa: Editora Universitária, 1999, p. 37).

CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

ALMEIDA, H. (1950). *História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária.

BARBOSA, Agnaldo Souza. A proposta de um estatuário para a História local e Regional. Algumas Reflexões. In: *História e perspectiva*, Uberlândia, janeiro/dez, 1999.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 85.

BURKE, Peter. *What is Cultural History?*. Cambridge: Polity Press, 2004. p. 43.

CAPRA, J. M. T.; SALE, M. A narrativa histórica: os desafios e perspectivas da escrita e do ensino de história. **Revista Interfaces do Conhecimento**, Barra do Garças, MT, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2020.

CERTEAU, Michel de. *The Writing of History*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 72.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

COSTA, Pereira. *Anais pernambucanos*. 4.ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1954. p. 103.

PEDRAZANI, Viviane. A memória como objeto de (re)construção do passado: um debate teórico. *Humana Res*, v. 1, pág. 66-80, 2019.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura negra: os sentidos e as ramificações*. 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 149.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 27.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de história, memória e história local**.

LEAL, José. *Itinerário Histórico da Paraíba*. FUNCEP: A União, 2º edição, 1965.

LE GOFF, Jacques. *History and Memory*. New York: Columbia University Press, 1992, p. 22.

LE GOFF, Jacques. *History and Memory*. New York: Columbia University Press, 1992. p. 95.

LINS DO REGO, José. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1931. p. 120.

Mariz, Celso. *Apanhados históricos da Paraíba*. João Pessoa: Graf. Comercial, 1956, pág. 143.

NASCIMENTO, O. do. (2010). *A historiografia e a história do Celeiro da Parahyba Norte (1793 - 1883)*. João Pessoa: Editora Universitária.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe*, 2012.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Na segunda metade dos anos cinquenta. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 93-104

Stephens, Mitchell. *A History of News*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 15.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não seria possível sem a colaboração de inúmeras pessoas que de alguma forma me ajudaram e apoiaram em diversos momentos desta caminhada. Sou grato a todos que fizeram parte desta incrível jornada, a todos, muito obrigado!

Primeiramente, sou grato a Deus e a Nossa Senhora dos Milagres que durante essa jornada me abençoaram e iluminaram o meu caminho, livrando de todos os males para atingir essa conquista que hoje celebro.

Aos meus familiares, meus pais que nunca me deixaram faltar nada, às minhas irmãs, na qual sou inspiração para suas caminhadas provando que é possível alcançarmos nossos so-nhos. A minha avó Solange e meu tio Bruno, pessoas importantíssimas em minha vida, com apoio, amor e motivação, nos momentos mais difíceis sempre estiveram ao meu lado e nunca me deixaram desistir.

Á minha namorada, Amanda, que durante essa jornada foi minha fonte de motivação e porto seguro, sem ela nada disso seria possível. Minha sincera gratidão por todo amor, apoio e paciência.

Aos meus amigos, aqueles que fizeram parte desta caminhada e principalmente aque-les que cultivei durante essa jornada. Obrigado pelas risadas, aprendizados e principalmente pela amizade sincera que vocês me proporcionaram.

Agradeço ao meu Orientador Gildivan Francisco das Neves, por sua paciência, empenho, dedicação, conhecimentos partilhados e saberes construídos. Sua atenção e motivação foram essências para a construção deste trabalho. Meus singelos agradecimentos.

Por fim, não pude citar a todos que, de alguma forma, contribuíram nessa caminhada, mas, sou muito grato por todas as contribuições para esse trabalho e para minha pessoa. A todos, serei eternamente grato e guardarei todos vocês em meus pensamentos.

MUITO OBRIGADO!